

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--27 de Setembro--1928

**5 TOSTOIS**

**3.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**123**



sempre  
**fiVe** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# A peregrinação patriótica



Trez figuras da «historia» da romagem patriótica a varios logares historicos, entre eles o Leão d'Ouro, Palace da Curla, Hotel Italia do Monte Estoril, etc. Celebra-se o passado, dando á gula um presente, e assim, começa-se por partir do Rossio para Tomar... alguma coisa. Patriotismo e appetite, porque dos fracos do estomago não reza a Historia.  
O culto do passado até levou o «Diario de Noticias» a evocar uma data de «Seculos!!!» Que dirá o Pereira da Rosa?



## Os ditos da semana



### Lugares sagrados

Lá vão eles, lá vão os peregrinos de visita aos lugares sagrados da Patria. Não ficará recanto algum, por mais ignorado que seja, onde o pé da peregrinação não ponha a mão.

A historia patria, tão sugestivamente evocada, vae reviver toda inteirinha, desde as primeiras escaramuças do Conde D. Henrique, até as ultimas campanhas de Africa, Chaimite, Colela, Marraquene, Mongua e Naulila,—porque a peregrinação tambem ha-de chegar a meter uma lança em Africa, quando por cá se acabarem todos os lugares sagrados.

Por agora vamo-nos servindo com a prata da casa, que é como quem diz com a prata do *Diario de Noticias*, empenhada num negociosinho de turismo.

Começou-se pelo Leão de Ouro, campo de sangrentas batalhas, onde o carapau foi vencido por trezentos garlos afiados. Não houve discursos, porque o lugar era sagrado de mais para essas pepineiras, mas nem por isso as bocas estiveram paradas.

No sangue do bife de cebolada, evocou-se todo o sangue derramado na batalha de Ourique, que se travou onde o sr. Antonio Cabreira quizer, e para recordar a tragedia de Inez de Castro, cada um dos peregrinos armou em Pedro o Cru e comem cosido o coração dum coelho á caçadora. A alma da Patria exvoaçam imponderavel sobre as cabeças dos convivas e os guardanapos dos creados que serviam á meza, avultaram aos olhos dos peregrinos como bandeiras brancas nas hostes inimigas, anunciando a rendição.

E renderam-se muitos: uns pelo ragú do carneiro, outros pelo vinho de Colares.

Em Tomar, os excursionistas não tomaram nada—nem prelecção, nem taxis—tomaram apenas uma estafadela mestra desde a estação ao convento, por falta de taxis e de prelector. Em compensação, porém, já tinham tomado, no comboio, uma opipara refeição, que apatecia, por artes magicas, no sitio onde o peregrino havia de se sentar, como se assim se quizesse indicar aos papos-secos com flambré e ás bolachas da Nacional, o destino que os esperava.

O que valeu foi que, entre as comesainas, previdentemente se incluiu uma *sandwich* de queijo para que os peregrinos se esqueçam da estupada

e possam vir a cair noutra para o ano que vem.

Outro lugar sagrado: a Curia. Outra batalha ali se evocou—a batalha de D. Alexandre d'Almeida, que foi Visorrei das Hospedarias, com uma horda de clientes que queriam jantares á americana, cafés á americana, charltons á americana, amores á americana e... contas á portugueza.

No Estoril visitarão tambem os peregrinos os lugares mais sagrados da região, que são sempre, os lugares onde se come alguma coisa, porque com a barriga não se brinça. No Casino far-se-ha a evocação das nossas glorias, e cada qual, recordará, *in mente*, quantas vezes o 35 o levou á gloria, outro tanto fazendo o banqueiro, que não é com certeza dos que menos tem ido á dita.

E a alma da Patria sempre a esvoaçar por cima da cabeça dos peregrinos.

Nas Caldas, em Leiria, em Coimbra, no Porto, em toda a parte emfim, surgirão, como por encanto, as grandes figuras da Patria, tomando os disfarces mais originaes e culinarios, para não espantar os freguezes que, a começar pelo

sr. Beirão da Veiga, são muito atreitos a acreditar em fantasmas e almas do outro mundo. Assim, D. Paio Perez, aparecerá sob a forma de paio de Arrayolos, (soberba evocação!) e a Padeira de Aljubarrota, disfarçada em «papo seco».

E a alma da Patria, é claro, sempre a esvoaçar.

E no fim de tudo, no ultimo dia da jornada, mais uma batalha teremos a juntar a todas as batalhas da Historia—é aquela que ha-de travar-se entre os peregrinos desavindos por não se entenderem, porque muita gente não se salva, nem que a alma da Patria lhes esvoace continuamente por cima das cabeças.

Ao menos sempre alguma coisa ficará da peregrinação—mais um lugar sagrado, mais um lugar historico, além do gabinete do *Diario de Noticias* onde germinou a peregrina ideia de cometer uma peregrinação.

**O dia do mar** O Estoril festejou, no domingo passado o dia do mar, como se no Estoril não fossem do mar todos os dias.

Augusto Pina e Alberto Ma-

tureira, desenvolveram uma actividade de mar bravo e a população feminina, apesar de uzar os cabelos cortados á *garçonne*, veiu demonstrar, mais uma vez, que ha ondas sem ser no mar, como se diz na cantiga.

Vimo-las ondular, vimo-las espreguiçar-se na areia, como ondas autenticas, vimo-las quebrar na praia dos *maillots* e só as não vimos desfazer-se em espuma, porque quem em espuma se destazia era o grupo dos *cocadores*, nome com que as banhistas crismaram o alfacinha que, ao domingo, vae por essas praias abaixo refrescar o corpo nas aguas do mar e refrescar a vista no recheio dos fatos de banho de trez polgadas.

As corridas de chatas estiveram bastante a caracter, amenizadas apenas pela discussão final, sobre se as chatas eram chatas ou não, tendo-se chegado á conclusão de que eram, efectivamente, muito chatas.

Os petizes fizeram castelos de areia enquanto alguns pares de banhistas faziam castelos no ar, e amava-se por todos os cantos, até dentro d'agua, com uma paixão, com um calor, com um fogo, que bem demonstravam que a agua do mar, activa os incendios em vez de os apagar.

Aquilo, foi bem o dia do mar, mas foi principalmente o dia do amar, como se viu no ataque ao monte, em que as mãos eram poucas para agarrar o esferico.

E afinal, depois do ataque, o Monte ficou onde estava, mas bastante amolgado.

**Vestido de noiva** Do *Diario de Noticias* re-cortamos o seguinte anuncio:

VESTIDO DE NOIVA

Bom, alugado a particulares. Carta a este jornal, ao n.º 213.

Estas palavras simples e laconicas, reflectem todas as miserias do nosso tempo.

Alugam-se vestidos de noiva, como quem aluga um piano para um *salsifré*.

Mete-se uma noiva dentro dum vestido alheio, como quem mete uma joia cara dentro dum estojo, tão certo é que tanto a noiva como a joia, não são destinados a servir senão fóra do estojo.

O *Sempre Fixe*, talvez se resolvesse a alugar um daqueles vestidos se nos garantissem que ele vinha com o competente recheio.



— Conto consigo; vão lá muitas mulheres interessantes.

— Irei, mas você sabe bem que não vou por isso, mas sim por você.

## A RIFA

Numa mansarda duma rua de Lisboa, ha cerca de 10 anos, morava a menina Isaura.

Tinha o rosto oval, salpicado de sardas; nariz delgado, comprido e com um alto simetricamente colocado; pestanas compridas e frizadas e olhos azues sublinhados com rolha queimada.

O seu penteado airoso despertava a atencão dos moradores do bairro, que lhe chamavam «cabeça de alcaçofra».

Os pretendentes eram tantos que a Isaura recebia todos os dias uma chuva de cartas. O pai, um carteiro de bigode atrevido, distribuidor daquela area, estava ao facto de tudo. Resolveu, um dia, acabar com aquela situação. Como a Isaura não queria decidir-se por nenhum, o pai resolveu convocá-los para a uma reunião. O pai, sr. Jaime das Iscas, fez a chamada e, verificando que havia numero suficiente para a reunião ser realizada, leu a autorização do comando militar e abriu a sessão.

Como todos se mantivessem calados, o sr. Jaime das Iscas, que presidia á sessão, impondo silencio, fez soar a campainha que havia tirado da pasta. De seguida, procedeu á leitura do expediente, que constava de todas as cartas recebidas pela Isaura, e pediu que se inscrevesse quem desejasse fazer uso da palavra ou do palavrão. Ninguem se inscreveu e o presidente encerrou a sessão.

Choveram protestos e até um leiteliro presente lhe atirou com uma medida de dois litros. Ninguem queria falar e ninguem queria que a sessão terminasse, fazendo tal barulho que apareceu um policia.

O policia era inteligente e depois de informado do que se passou, pediu ao pai da pequena para presidir á sessão.

O pai consentiu e o policia agitou o bigode, sentou-se, declarou aberta a sessão e disse:

— «Meus senhores: O momento é difficil, porque os pretendentes são 112 e a rapariga é só uma; portanto, para que ela seja de um de vocês, mas com legalidade, a menina Isaura vai excluir os mais feios.»

Dito isto, fez a chamada e a Isaura foi excluindo e ficaram apenas nove pretendentes.

— «Agora — disse o policia — vou fazer rifas. Destes nove bocados de papel, um tem o nome dela. Quem tiver a sorte de o tirar, é quem casa com a Isaura.»

O momento era torturante para todos e todos tinham receio de que a rifa saísse branca.

O Inacio Zarolho, um dos pretendentes, livrou os restantes de embarcos, tirando a desejada rifa. O policia encerrou a sessão por nada mais haver a tratar e, quinze dias depois, com grande pompa, realizou-se o casamento da Isaura das Iscas com o Inacio Zarolho.

Quasi dez anos viveram felizes, mas o Inacio, coitado, foi ultrajado. A Isaura apaixonou-se pelos antigos pretendentes e o Inacio, para com honra para ambos resolver o caso, vai convocar a assembleia para ver se a rifa.

Viterbo de Campos.



O verancante — Então a colheita, hã?

O lavrador — Bõa, sim, senhor.

O verancante — E a familia?

O lavrador — Bõa tambem, sim, senhor.

O verancante — Bem, homem, bem

O lavrador — Bem, sim, senhor.

**Sortes grandes**  
só o PINA se vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77

## UM CASO TETRICO

Este caso tetrico passou-se numa carruagem de caminho de ferro.

Eu chamo-lhe tetrico, porque, quanto a mim, todos os casos que se passam em carruagens de caminho de ferro são tetricos e lugubres.

Para corroborar esta afirmação, devo dizer a V. Ex.ª que o meu casamento nasceu duma viagem em caminho de ferro...

Fazia um calor de tal natureza ardente que todos os passageiros suavam em bica!

No compartimento onde viajavamos, comprimidos como os de aspirina, por excesso de lotação, viajava tambem uma respeitavel senhora, de uma gordura tão desmedida que, só o olhá-la, nos provocava afrontas e faltas de ar! Era ela, talvez, um dos factores que mais contribuíam para aquele desgraçado «aperta-azeite».

Aquela viagem — que eu recorro com tristeza — foi despida do interesse que geralmente tem todas as viagens, porque a unica animação que teve foi a das lamentações que todos faziam e dos u/s soltos em surdina.

Em dado momento, o calor entrou a dar «soquetes» furiosos no termometro para o obrigar a subir mais; e, com aquela subita manifestação termometrica tipo foguete, a rotunda «passageira» entrou a queixar-se afflivelmente da falta de agua e do progressivo aumento de sede, fazendo acompanhar os seus lamentos dos trejeitos mais insolitos e desconcertantes que nos tem sido dado observar!

A certa altura, vendo que ninguem se comovia, usou da liberdade de solicitar de nós a oferta de uma gota de agua.

O unico viajante que possuia tão precioso e aquatico liquido, talvez por um egoismo natural — o receio dum furto ou de qualquer precalço que dele o privasse — levava-o, num cantil, tão junto a si, que quasi feria!!!

Não obstante o nosso companheiro de viagem ter, com estranha gentileza, oferecido á infeliz sequiosa a agua que possuia, não lhe foi possível bebê-la, tão quente estava!

A situação era insustentavel.

D. Germana — soubemos depois ser este o seu nome — continuava desalmadamente no capitulo *lamentações e gesticulações*.

Livrou-nos — a nós e a ela — daqueles apuros um passageiro baixote, vestido de luto rigoroso e de aspecto sombrio, que viajava quasi ignorado a um canto da carruagem, que, ante o espanto e admiração gerais, prometeu de, na primeira paragem, arranjar um copo de agua fresquinha á D. Germana.

Prometeu e cumpriu. Mal o comboio parou, desceu lesto, para voltar a aparecer, decorridos momentos, com umas pedras de gelo num copo, que acabou de encher com a agua antes oferecida.

D. Germana bebeu, saboreou, regatou-se e desfez-se em amaveis cumprimentos. Quando a olhámos, satisfeita e acomodada, ficámos tão intimamen-

te contentes como se fossemos todos contemplados com tamanha ventura! Agua fresquinha, com o termometro a 39° e em pleno caminho de ferro, era consolador!

A descoberta do gelo feita pelo nosso taciturno companheiro foi uma das coisas que, então, bastante nos preocupou, apesar da satisfação que sentimos. Como e onde conseguiria ele semelhante prodigio com tal facilidade, naquelas ignoradas paragens? Nenhum de nós se atreveu a fazer-lhe semelhante pergunta.

A tranquilidade, doce sensação que deliciosamente iam gosando estava, porém, ameaçada; e a sua duração foi efemera.

Passados minutos, D. Germana entrou com novas e desusadas lamentações, a queixar-se do regresso da ardente sede.

Pobres de nós que, se não fôra a nova e feliz intervenção do nosso tristonho companheiro, estavamos condenados áquele infernal «jazz-band» de lamentações sequiosas, porventura mais custoso, para nós, de suportar que a sede que já nos atacava.

E assim foi. A operação repetiu-se. Em nova paragem do comboio, nova saída do passageiro, novo regresso com umas pedras de gelo no copo, nova refrescadelia e... voltámos á tranquilidade.

Porém, o tetrico aproximava-se...

Quando todos, para esquecer o calor e a sede, nos entretinhamos a comer descansadamente, o comboio parou; e D. Germana, por habito ou necessidade, entrou a gritar de forma assustadora, dizendo que inorria de sede!

O nosso companheiro — duplamente companheiro por ser tambem o nosso salvador — aproveitou a paragem para fazer novo fornecimento de gelo.

Entretanto, fomos comendo ao som das lamentações e guinchos de D. Germana.

De regresso, o nosso companheiro mostrou-nos o copo vazio, ao mesmo tempo que nos mostrava um rosto cheio de tristeza! Ficámos paralizados!!!

Que triste situação e que perspectiva!

D. Germana contorcía-se...

Então, o nosso conservador da tranquilidade, pausadamente, exclamou:

— Minha sogra morreu ha dez dias. Antes de falecer, pediu para que a enterrassem no cemiterio da sua terra natal. Encontro-me nesta carruagem em cumprimento dessa dolorosa missão. Minha sogra é conduzida neste comboio, num vagão armado em camara ardente, cuja chave conservo em meu poder. Devido ao seu estado já de decomposição e a conselho dos medicos, minha sogra, para evitar complicações, foi metida num caixão apropriado e cercada de gelo, e... minha senhora, infelizmente, o ultimo que restava e que eu pensava agora trazer-lhe para alívio do seu sequioso sofrimento, derreteu-se...

Ferreira Batista

## Os bastidores da vida

### Tres modelos de mulheres

Uma senhora acabava de perder o marido.

Estavam casados apenas ha três anos. E pode pois imaginar-se como a pobre viuvinha chorava e se lamentava.

Uma vizinha tentava consolá-la, mas ela chorava sempre, como uma Madalena.

— «Nada me resta dele, coitadinho!»

— «Então, tenha coragem! Fica-lhe um filho.»

— «Nem issol! Nem isso... porque não é dele...»

\*\*\*

Uma senhora diz a uma amiga:

— «Meu marido que emigrou ha cinco anos para a America acaba de me escrever, dizendo-me que está muito bem... e que vá ter com ele a New-Bedford... e que leve os nossos dois filhos.»

— «E tu vais, é claro.»

— «Eu queria... queria. Mas não sei onde é que hei de meter o terceiro filho.»

\*\*\*

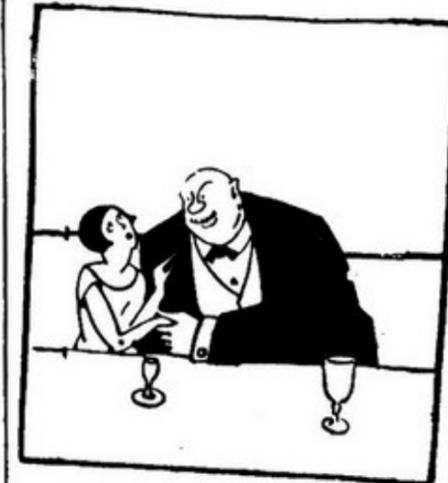
João conta a um amigo que a sua noiva acaba de romper o projectado casamento.

— «E's parvo! Porque é que não lhe dissesse que tinhas um tio millonario!»

— «Pois disse-lhe. E foi justamente por isso que ela acabou com o namoro. Agora, quer casar com o meu tio.»



Turistas vendo as belezas de Lisboa



— Pois sim, filho, mas tens que me comprar um chapéo e um vestido para poder passear contigo que és tão elegante.

## GENTE MODERNA



— Eu minha senhora, sou um sentimental, sou um tipo no genero do primo Bazilio do Eça.

— Tem graça, eu então sou do genero da Sapho...



## O passageiro birrento

Num carro da linha de Bemfica, quando ia na altura da praça Marquês de Pombal, meteu-se um passageiro. O condutor, ao vê-lo entrar, contou provocantemente o número de passageiros da rectaguarda, que somavam, com o último que subira, onze. Então o condutor convidou-o a descer. Ele negou-se e, como nada obtivesse a bem, ameaçou-o com a policia; mas nem deante desta intimativa o passageiro se resolveu a sair.

O condutor mandou parar o carro e foi chamar o policia, enquanto os restantes passageiros descompunham o massador, que fazia parar a circulação por se querer conservar ilegitimamente no carro, além da lotação, que era de dez. Mas, mal o passageiro que ia a mais viu o policia avançar, acompanhado do condutor, apeou-se, entre as risadas insolentes dos que queriam, no uso dum direito, seguir viagem. E um rapaz esprevidado clamou alto e bom som:

— Com a policia não refila ele!

Perante isto, o passageiro apeado do electrico pela força, fez-se vermelho como um pimento e regougou:

— Você é capaz de vir cá abaixo á rua repetir isso:

O rapaz não hesitou um momento. Dum salto foi cair quasi ao pé do outro que tão petulantemente o desafiava.

E, quando o carro ia a pôr-se em marcha, o massador, o birrento que fizera toda aquela gente atrazar-se, saltou para o estribo, deixando em terra o pobre rapaz que lhe aceitara o repto.

— Adeus, ó velhinho, agora já tenho lugar.



— Dê-me um quilo de carne para defe que seja bem dura.

— Dura! Para que quer a menina carne dura?

— Porque se fôr tenra, o meu patrão come-a toda...



O guia — Isto é um castelo que tem mil anos. Hoje em dia, já não se constroem castelos tão antigos.

# Príncipe de Humoristas

## Recorda-se André Brun e a sua obra

Está passando o 15.º anniversario das primeiras representações da mais perfeita comedia portuguesa que nos tem sido dado conhecer: *A vizinha do lado*, do desditoso André Brun, príncipe de humoristas e nosso amigo dilecto, daquela geração que nos apraz recordar por virtudes que os rapazi-nhos de hoje não entenderiam.

A formula gervasiana envelhecera e era necessario adelgaçar um pouco o traço grosso da caricatura, fazendo-a mais humana e mais simples. Outra novidade apresentou *A vizinha do lado*, até então não realizada no teatro português e ignoramos se no estrangeiro. E' matematicamente continua, levadas ao cumulo as unidades de tempo e acção por decorrer sem interrupção e na mesma escada e andares laterais.

«Obra prima» lhe chamou Augusto de Castro e varios criticos concordaram que *A vizinha do lado* marca na comedia portuguesa uma formula nova.

O *Sempre Fixe* deve uma homenagem ao autor de *Os meus domingos* e, entretanto, quizeram os que o não esquecem recolher alguns momentos lapidares da comedia que, ha quinze anos, marcou o seu melhor triunfo, numa epoca em que muitas vaidades impavim das sovas que na *Capital* lhes pregava aquele que tambem foi jornalista originalissimo.

\* \* \*

Do 1.º acto:

**Eduardo:**—Nunca se meta com mulheres.

**Jeronimo:**—Se o senhor me tem dito isso aqui ha uns quarenta anos, agradecia-lhe muito... Agora, não vale a pena incomodar-se.

**Eduardo:**—O senhor sabe lá as relações que elas nos trazem!

**Jeronimo:**—Sei. E sei tambem as tarefas que levam. As duas que tive de mais duração tinham mau génio ás vezes; mas safa-lhes do corpo.

**Eduardo:**—O quê? O senhor foi casado duas vezes?

**Jeronimo:**—Casado, não. Eu cá, em materia de mulheres, sou como o senhor Mesquita: sou livre pensador. Muita festa para a festa; mas a respeito de casar... Isso tó carocho! Dizia um compadre meu, que era sapateiro, que as mulheres com quem se casa são como o calçado de encomenda. Ainda que o cabedal aperte, tem que se ficar com elas. As outras, se não ficam ao geito do pé, rejeitam-se e toma-se medida mais folgada.

Do mesmo acto:

**Saraiva:**—Muitos parabens. Não sabia que o senhor tinha esse geito para autor dramático.

**Eduardo:**—Eu tambem não. Foi sem querer. Vi toda a gente a escrever para o teatro. Não quiz tornar-me notado.

Do 2.º acto:

**Plácido:**—Um sobrinho meu vivendo com uma mulher fóra da lei de Deus!

**Saraiva:**—Deus? Ora adeus! Deus disse: «Amai-vos uns aos outros». Não disse: «Casai-vos uns aos outros.» E não recomendou que para todas as contas de multiplicar se mandasse benzer a ardósia.

**Plácido:**—Isso é outra especie de taboada. A unica verdadeira é a do dever.

**Saraiva:**—Qual dever? Naquella idade não conheço senão o dever aos credores. Nós, os que temos vinte e cinco anos duas vezes, confundimos facilmente o dever com o já não poder.

Do ultimo acto:

**D. Adelaide:**—Sabes quantos anos de amor nós perdemos? Dez... quinze... dezoito...

**Plácido:**—Não contes. Não vale a pena. O que lá vai, lá vai!... O tempo que se perde, se o tornassemos a encontrar, a maior parte das vezes faziamos de conta que o não conheciamos.



—Minha senhora, isso é um belo livro: *Os meus homens* de Mercedes Blasco.  
—Quantos volumes são?

## Charadas em fraze

As femeas dos carros e dos panos transformam o juizo. — 2-2.  
Decifração: *carraspanas*.

Do ovo e da arvore se fez a actriz. — 2-4.  
Decifração: *Gema d'Oliveira*.

Agarra o queixo e sai da cabeça. — 2-2.  
Decifração: *pinçamento*.

Eu gosto acentuado com a bebida dando de comer. — 2-2.  
Decifração: *amolite*.

O canhão, o livro e o bolo fizeram a artista. — 2-2-2.  
Decifração: *Berta d'Albumqueque*.

Uma coisa retorcida com boa medida regula muito bem para maridos enganados. — 2-2.  
Decifração: *côrnometro*.

O gato inglês e a reunião de versos dão desgraça. — 1-3.  
Decifração: *Catastrófe*.

A hospedaria e a arvore alta dão um baixo actor. — 2-3.  
Decifração: *Hotel de Carvalho*.

O fígado de porco dá a cabra no cemiterio. — 2-2.  
Decifração: *iscalite*.

O homem, o coelho da França e a defeza dos insectos fazem tradutores musicais. — 2-2-2.  
Decifração: *Alves Lapin-Ferrão*.

O macho da pedra trabalha-o no pano fixe. — 2-3.  
Decifração: *Pedro borda-lo*.

O trazeiro na consoante faz o feminino disto no teatro. — 2-2.  
Decifração: *curista*.

O grego com o aroma faz negocio. — 1-2.  
Decifração: *pitzeira*.

Entre eles dois vales ao Manzoni de permeio. — 2-1.  
Decifração: *intervalis*.



—Porque é que você quiz roubar as galinhas áquella mulher?  
—Por não saber o preço delas.  
—Porque não perguntou?  
—E' verdade que podia, mas é que eu sou muito acanhado com as mulheres, senhor guarda.

**Sortes grandes?**  
só o **PINA** as vezes  
75 — Rua de S. Paulo — 77

**BOM HUMOR**

—O homem inteligente duvida sempre. Só o idiota julga estar certo de tudo!

—Está você convencido do que diz?  
—Convencidíssimo!

\* \* \*

Numa loja de modas:

**O patrão:**—Porque tratou com tanta grosseria a senhora que acaba de sair?

**O empregado:**—Não se inquiete; é a minha mulher...

\* \* \*

**Joanito:**—Papá, vai acolá um aeroplano.

**O pai, distraído:**—Sim?... Não lhe toques...

\* \* \*

O dono da casa, morrendo de susto, ao surpreender os gatunos no seu gabinete:

—Vejam... Vejam... Não se incomodem por minha causa. Sou... sonambulo...

\* \* \*

Numa agencia de criadas de servir:

**A amiga:**—Deves colocar muitas criadas.

**A proprietaria da agencia:**—Muitas! Umhas cincoenta por semana.

**A amiga:**—Santo Deus! Onde arranjas tu tanta gente?

**A proprietaria:**—Em parte nenhuma. São sempre as mesmas.

\* \* \*

—Na minha vida de comerciante jámais passou uma mentira nos meus labios.

—Deveras? E' uma excelente vantagem falar pelo nariz...

\* \* \*

**A patroa:**—Maria, amanhã ajuda-la-hei a fazer o jantar.

**A criada:**—Sim, minha senhora. Mas era melhor que escolhesse outro dia, porque amanhã tenho muito que fazer...

\* \* \*

**Ela:**—O *Diario de Lisboa* fala hoje de mim!

**Ela:**—O que diz?

**Ela:**—Que, no mês de Setembro, 6.976 pessoas saíram de Lisboa. Per-tença ao numero...

\* \* \*

No escritorio:

**O patrão:**—Faltam duzentos mil réis na caixa. Como só tu e eu temos a chave...

**O empregado:**—Não tem importancia... Pomos cada um cem mil réis e não falemos mais nisso...

\* \* \*

**Ela:**—Ha alguma carta para mim, senhora Maria?

**A porteira:**—Sim, D. Alice... Duas!...

Mas não têm nenhum interesse...

.....



—Que tal achas esta garrafa de vinho?

—Tem um grande defeito. E' muito pequena para a idade que tem...

**TAC-TAC-TAC****Tengo dos lunares...**

Ao José Ramos

Foi bem celebre, foi, e tornou-se rapidamente popular, a cançoneta espanhola que começava assim:

«Tengo dos lunares  
Tengo dos lu-naaa-res:  
Y uno sobre la boca...»

E eu sempre que — por aquela estranha *scie*, com que, por vezes, se acorda e que nos faz repetir, inconscientemente e durante todo um dia, o mesmo estribilho musical que á memoria nos veio ao despertar, — sempre que me lembro do

«tengo dos lunares...»

evoco, com risonha saudade, a scena a que assistí num café-concerto do Porto e que a essa canção escravizou para sempre, na minha mente, ás figuras esguias de duas *coupletistas nuestras hermanas*.

O caso foi assim, se bem me lembro.

No café-concerto, que pelo nome de *Primavera* era conhecido no bairro portuense, hoje demolido, do Laranjal, de complexa memoria, estavam então trabalhando duas *sol-dísant* irmãs, cançonetistas e bailarinas oriundas das margens do Guadalquivir.

Cerca do estrado-palco onde elas trabalhavam, e aos pés do qual um desastinado pianista martelava sucintos acompanhamentos, havia uma pequena mesa em pedra de mármore (que as outras eram de madeira), a qual, por tacita combinação com o proprietario-director do estabelecimento, estava sempre reservada ao meu amigo Felix João, antigo farmacêutico e boémio emerito e que da farmacia que arruinara e de sua profissão de *brasseur d'affaires* guardava, nas mais difíceis ocasiões, um senso pratico verdadeiramente apreciavel.

Sucedeu que eu era, nesse tempo, um dos seus fieis comensais e que as cançonetistas em questão eram quotidianamente convidadas para ligeiras libações, á mesa do meu amigo, nos intervalos das danças e cantigas em que mostravam seu gracioso talento.

O diabo era que elas, ou por vicio inato das grandesas humanas, ou por industrioso conselho do empresario, só queriam e só bebiam bebidas carissimas. Era invariavel!

—Que *quíeren Usteds?* — perguntava Felix, na sua pronuncia pitoresca do castelhano.

—Pues, una *copita de Puerto, muy viejo*.

O *Puerto muy viejo* custava 2\$000 éis o calice, e 2\$000 réis nesse tempo eram, como quem diz, um conto e quinhentos.

O Felix torcia-se todo; mas lá ia pagando.

Até que um dia, farto, até mais não, do que ele chamava *um atentado contra a lusa integridade da sua bolsa*, resolveu pôr termo ao revoltante abuso.

Vai daí, recordou-se ele que fora farmacêutico, e trouxe, uma noite, num frasquinho, uma mínima quantidade de oleo de *croton*.

As duas por três, as gentis *hermanas*, tendo pedido, como de costume, *una copita de Puerto muy viejo*, foram chamadas á sala de espectáculo, que era, nesse caso, o estrado-palco.

E dançavam uma coisa, mais ou menos *jota*, quando o Felix, sobreptivamente, introduziu na garrafa do *Puerto muy viejo* algumas gotas do tal oleo de *croton*. Voltaram as *divas* e, gulosas, enguliram *los copitas* cada mana.

Novo sinal do pianista e — zás! — ahí vão elas para cantar.

—Perdonad!

—Ora essa! — respondemos em côro — á vontadinha...

Toca o piano os primeiros compassos e as duas, logo:

*Tengo dos lunares...*

Nisto, um grande arranco de vomito irresistível e mãos nos ventres desnudos:

—Ay *quí me muero!*...

—Ay *quí me muero!*...

Gritaram elas, com espanto unico, indescritivel, do publico.

Foi um verdadeiro pânico!

A conselho do meu amigo, deram-lhes vinho verde, o que muito rapidamente as aliviou, obrigando-as entretanto, a abandonar o café-concerto, teatro de suas glorias e dessa extravagante aventura, por lhes haver produzido o mesmo efeito que o ricino nos inimigos do Fascismo.

—Custou-me a garrafa trinta mil réis — dizia-me depois Felix João — mas, meu caro, nunca mais quizeram o *Puerto muy viejo*... que me ia arruinando... e nunca mais quizeram contar o

«Tengo dos lunares».

Tal foi a recordação...

**Cirano de Velhofrac.**

—Acuda, senhor! Meu marido está bebado e vai-se atirar com a criança dall a baixo...

—Belo! Até que enfim terel ocasião de verificar o que ha de verdade no ditado: ao menino e ao borracho, delta-lhes Deus a mão por baixo...

**O "FIXE"**

no n.º de 27 de Setembro de 1928

TEATRO. — O conhecido homem de teatro Lino Ferreira sofreu ontem a sua terceira operação voronofica. Foram-lhe applicadas glandulas dum macaco escolhido entre os mais engraçados do Brasil, parecendo, por isso, assegurada a graça das revistas portuguesas.

A' operação assistiram, entre outras pessoas conhecidas do nosso meio teatral, os srs. Lopo Lauer, que ha tempo se sujeitou a identica operação, e o poeta Silva Tavares, que compôs a proposito algumas quadras de espirito.

— A conhecida e aplaudida vedeta Auzenda de Oliveira completou ontem o seu 20.º aniversario dos 25 anos.

VARIAS. — Tem estado com um ataque de gota... de agua o sr. Carlos Pereira, conhecido director da Companhia das Faltas de Agua em Lisboa.

— Parece estar assegurada a construção da ponte sobre o Tejo. O Governo nomeou uma comissão de engenheiros que terá de emitir o seu parecer sobre o projecto apresentado, no prazo maximo de 30 dias. O projecto foi agora enviado para a comissão de marinha, seguindo depois para a comissão agora nomeada.

— O monumentos aos mortos da Guerra deve ser inaugurado para o ano. A Avenida da Liberdade vai ficar com mais um soberbo monumento. Acaba-se assim com aquela vergonha do tapume que ha largos anos se via no local destinado á consagração dos mortos da guerra de 14.

— O Parque Mayer continua a ter faltas de luz. Ha dias mais uma vez ela faltou, não havendo por isso sessão no Maria Vitoria, cuja empresa não é indemnizada. Quando a electricidade appareceu, alguém, voltando-se para a simpatica Hortense Lumière, disse: — «Fia-te Luz!»

— Na proxima reunião da Sociedade das Nações toma parte, como delegado de Portugal, o sr. dr. Augusto de Vasconcelos.



— Volta-te, idiota! que te cal tudo o que levas nas algibeiras.



— Estão casados á face da Lei. Agora lembre-lhe que o dever dum bom marido é dar sempre TODDY a sua mulher para que ella goze duma saúde perfeita e conserve sempre a formosura que hoje tem.

## Animaes nossos amigos

### O MACACO UTIL

Um vendedor de antiguidades tinha um macaco muito inteligente, a que dava inteira liberdade e que divertia toda a vizinhança com as macaquices.

*Asdrubal* — assim se chamava o macaco — preferia principalmente a loja dum ourives vizinho que gostava muito do animal e que o deixava tocar em tudo.

Mas, um dia, desapareceu um anel, depois um relógio, depois um par de brincos.

O ourives passa a vigiar todos os compradores. Acusa os empregados. Mas, finalmente, acaba por ver o macaco fugindo com uma pulseira.

O ourives corre á loja do dono do macaco para reclamar a pulseira, bem como todos os outros objectos desaparecidos.

— «Não sei se sabe que *Asdrubal* é um grande ladrão!»

— «Que me diz?»

— «Roubou-me uma data de objectos. Eu até incriminei varios inocentes — mas acabo de o apanhar em flagrante delicto. Olhe, já está ele a esconder no canto a pulseira que me roubou agora mesmo!»

— «Será possível?»

— «Venha vê!»

Tiram o macaco do canto e encontram a pulseira. Mas... mais nada...

— «Onde estarão as outras coisas?»

— pergunta o ourives.

— «Não faço ideia!»

— «Mas o senhor nunca viu nada que lhe despertasse a atenção, nas mãos do macaco?»

— «Não tenho ideia... Mas espere...

Agora me lembro: vi-o uma vez a brincar com um relógio...

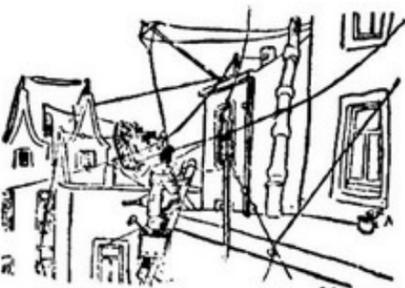
— «E que julgou o senhor?»

— «Nada!... Pensei que ele o tivesse comprado...»



— Não sei a razão porque tu não pensas antes de falar...

— Bem vêes filhinha, se eu o fizesse, nunca teria tempo de dizer metade do que quero.



O limpa chaminés — E. chamou a isto telegrafia sem fios.

## A historia dum sorteio

Logo á saída da porta da escada, onde, ao fim de 164 degraus, fica escondida, lá em cima, a minha residência, lá, cá em baixo, uma taberna. Às vezes, os bebedores não cabem no estabelecimento e invadem a escada, em cujos degraus parece haver uma linhas misteriosas, porque ali se tem cosido muita bebedeira. Assim que eu entrei na zona perigosa, um individuo, ainda em estado de equilibrio, avançou para mim e desfechou:

— Viva! Os meus parabens!

Ainda não tivera tempo de me informar da causa daquela investida, quando alguém, mostrando uma grande pressa, me atirou com esta misteriosa intimação:

— Preciso falar-te!

Fiquei indeciso, e quando me resolvi a tomar um partido, aparece ao pé de mim um dos muitos amigos de ocasião, que me arruma com esta frase:

— Ora ainda bem que te encontro. Podes chegar aqui ao lado, á taberna?

Enfia o seu braço no meu, eu deixava-me conduzir, quando os outros dois individuos nos tomam o passo e exclamam ao mesmo tempo:

— Primeiro estava eu!

Fiquei intrigado. Não tive mão em mim e quasi gritei:

— Mas o que é que vocês querem de mim?

— Fui eu o primeiro a dar os parabens, é verdade ou não é? — disse o primeiro.

O outro ergue o braço e exclama:

— O que você quer sei eu!

O terceiro, por sua vez, comenta:

— Vocês querem é roubar o homem. Mas eu, que sou amigo dele, não deixo...

Cada vez mais encavacado com o caso, vociferei:

— Mas então quem é o roubado?

Nisto aparece um quarto individuo. Era também meu amigo. Gritou, entrando rapidamente no assunto:

— O roubado és tu! Anda daí que eu já te explico!

Imaginem a cara com que eu fiquei. Eu considero-me a unica pessoa neste mundo capaz de fludir as esperanças do ladrão mais perspicaz, pela simples e indiscutível razão de que nada tenho que me possam roubar. Apesar disto, estes quatro homens discutem, á minha volta, todos senhores de um assunto que me dizia respeito e que eu inteiramente desconhecia. Não sabia para que lado me devia voltar.

O recémchegado continuava:

— Anda daí que eu te explico tudo.

Naturalmente eu estava disposto a segui-lo, mas os outros interpuzeram-se.

— Isso era bom que nós deixássemos.

Ao mesmo tempo, sinto que me tomam o braço, que pretendem arrastar-me para fóra, levando-me não sei para onde, enquanto outras mãos me agarram, e oiço dizer:

— Venha daí. Eu conte-lhe o caso...

— Ah! Isso é que o senhor não vai... Já não o largamos!... Primeiro eslamos nós... Não o deixamos entrar...

— Isso era um grande negocio!... Senti que se rompeu, com os puxões, uma manga do meu casaco. Quiz mandar estes importunos para o diabo, ao mesmo tempo que uma viva curiosidade me prendia.

— Mas o que é isto? O que é que os senhores querem de mim?

— Não me fazia ouvir. Os quatro homens discutiam, puxavam-me, agarravam-me, e eu cada vez mais intrigado. Consegui ouvir uma voz na confusão e que me dizia:

— O senhor comigo é que faz negocio.

— Oh homem! Mas que negocio?

— Eu estava primeiro! — berra outra voz.

Consigo gritar:

— Mas é comigo que os senhores querem fazer negocio?

— E' sim, senhor! — exclamam os quatro.

Intrigado e ao mesmo tempo divertido com o caso, disse:

— Então vamos lá a isso!

O que eu fui dizer!

Estabelece-se uma grande gritaria.

Sou agarrado, puxado, empurrado, caio, pega-se tudo á bordoadá, vejo-me com sangue na cara, aparece gente, aumentam os curiosos, vem a policia e vai tudo de cambalhada para o posto. O chefe mandou-me com um guarda para o hospital.

Finalmente vim a saber de que se tratava. Eu era possuidor de uma rifa de um burro e não me lembrava do pobre animal e nunca supuz que ele viesse, pelos acasos da sorte, a ser meu. Os meus insofridos amigos souberam do caso e, como calculassem que eu largasse o animal por dez réis de mel coado, apressaram-se em entrar em combinações comigo.

E aqui está a historia. Acabei por vender o burro, para pagar a multa no tribunal dos pequenos delictos e ainda puz dinheiro da minha algebrá, e fiquei com alguns agrafes no nariz.

Jurei nunca mais comprar rifas...

E. F.



— Se tu não me compras barquinhos úigo á mamã que tu também brincas á cabra cega com o papá!...

## Andam Herodes pela cidade

(Conto alegre para chorar)

Um dos nossos reporters mais fi-zes acaba de descobrir em Lisboa, deambulando por essas ruas, o já celebre janota *Figueiredo Galante*. Apesar de frequentar assiduamente o *Lloyde das Patacas*, onde as bebidas são passadas a patacos para o Novo Mundo, o nosso homem era abolicionista. Não bebia, não fumava — e ainda não se casou. Quer ser sempre celibatario para não ter filhos!... Ao que parece, *Figueiredo* odeia mortalmente as crianças e não deseja ver uma só em casa.

Mas o homem põe e Deus dispõe. Ha dias, o *Galante* enamorou-se duma pequena que, por fatalidade, está no seu estado mais que interessante. Fez doidices. Quebrou mesmo a calva por causa da *Dulcinea*, a todos os titulos barata, nesta terra de mulhères caras... E gastou uma fortuna!

Não obstante ele ter comprado uma quinta, ali para os lados da *Musquelra*, a fim de passar com a sua cara metade um tempo delicioso, a rapariga, que não soube esconder o seu pecadilho, fez passar uma lua de mel ao pobre do *Galante*. Assim que este soube que a *Herminia*, a futura consorte, neste caso com azar, ia ter um menino, arrepelou-se todo e arrancou da cabeça mais um dos poucos cabelhinhos que possuia. Todavia, as paixões, na idade dos 50, são mais fortes do que o homem. E o *Galante* continuou, mau grado seu, com a *Herminia* na sua companhia.

Passou então a beber, a fumar de cachimbo e a frequentar os volutabros de degradação. Só altas noites recolhe a casa, sempre mais ou menos acompanhado de uma *cegonha*, de uma *perda* ou de uma *osga*. E a pequena atura-o, porque ele dorme beatificamente bem, graças ao divino sangue de Cristo!

\* \* \*

São passados meses. *Herminia* passou a ter uma verdadeira vida de cão. O garoto já berra, como só o sabem fazer as crianças de pouca idade. *Galante*, o eterno borracho, sem se lembrar do seu apelido, insultou a pequena, a ponto de a ameaçar com um pontapé num sitio que não tem querela... E levantando-se do leito, ainda não nupcial, deu uma sova no *Bé-Bé*, deixando-o semi-morto.

Levado aos tribunais o protagonista desta tragedia, meia séria, meia comica, declarou que sentia um odio invencível pelas crianças e que não se pudera conter quando o filho — que não era seu! — chorava tão escandalosamente que não lhe deixava tirar uma soneca a preceito.

— Para que nem o seu filho — bastardo é o mesmo — nem os outros o aborreçam mais, vamos metê-lo no Limociro — disse austeramente o integérrimo juiz.

E o celibatario, que já mandou a *Herminia* cavar batatas na quinta, encontra-se agora no Palacio do Conde de Andeiro, onde tão cedo não será apouquentado pelo berreiro dos inocentes.

Pobre Herodes dos nossos dias!  
Ivinho.



— Até que enfim, apanhei-os em flagrante! Canalha! Que está você a fazer aqui?

— Eu... eu... estou a esperar o carro electrico...



## O que se diz e o que se não deve dizer

A gente da bola teve no domingo dois *hors d'oeuvres*. Mas servidos com grande lentidão — três quartos de hora depois da hora marcada — sem respeito nenhum pelo publico apreciador da especialidade.

Os intervalos foram também proporcionalmente longos. A falta de fôlego obriga a estes descansos suplementares...

Como os desaparecidos são sempre melhores do que tudo quanto ha — o acontecimento mais notavel dos desafios de domingo foi a desapareição simultanea de cinco *azets*: Augusto Silva, Cesar, Jorge, Tamanqueiro e José Manoel.

De modo que a reaparição de Pinho e de Alberto Augusto no *Bemfica* não chegou como compensação. De resto, o *Bemfica* tem agora, mais nitida do que nunca, aquela sua característica de *team* infantil. E' um grupo de *meudos* de corpo, com muita habilidade, mas com um *handicap* tremendo em metros e em quilos.

\*\*\*

No desafio Belenenses-União, o *goal-keeper* de Belem aleijou-se, logo de inicio.

José Luis tratou logo de vestir a camisola apropriada para lhe ir ocupar o lugar.

Mas veio outro guarda-rêdes. E José Luis despiu a camisola.

O novo guarda-rêdes também se aleijou. José Luis voltou a vestir a camisola. Mas, como o *keeper* lesionado parecia não querer abandonar o lugar, José Luis tornou a despir-se.

E assim, durante o *maich*, José Luis foi o homem que despe e veste a camisola...

\*\*\*

Um senhor do Porto, chamado João Candido d'Almeida de Gusmão e Vasconcelos, publicou um folheto que se intitula: «O que é necessario saber para fazer exame de condutor de automoveis».

Tem um prefacio duma pagina, esta curiosa obra. E, nesse prefacio, o não menos curioso autor diz, entre outras coisas:

«Assim se avisa a critica facil, de que isto, por confissão do autor, não é obra onde presida a correcção da terminologia tecnica, nem a explicação scientifica dos fenomenos e das funções.

«Nada até hoje se publicou em Portugal semelhante a esta nossa tentativa.

«Naturalmente, ela sai incompleta e deficiente em muitos pontos, o que se explica facilmente pela incerteza e desigualdade que até hoje tem presidido aos exa-

mes nas diferentes Comissões Técnica, sem um programa de orientação definida.»

Como V. Ex.<sup>ma</sup> veem, o prefacio, apesar de curto, é um trabalho perfeito de facada..

O homem larga biscoas á critica facil e afirma que as Comissões Técnicas são entidades desorientadas.

E acrescenta, emproado, que nunca em Portugal se publicou uma coisa semelhante. Isto é verdade. Só em França é que se publicou obra se-

melhante — tão semelhante que é, até, perfeitamente igual.

De facto, a obra do senhor d'Almeida de Gusmão e Vasconcelos é, á parte uma duas paginas de transcrições da legislação portuguesa — a tradução literal e interínha do livro de Bandry de Saunier, intitulado *L'examen pour le permis de conduire*.

O senhor d'Almeida de Gusmão e Vasconcelos não é nada desorientado...

\*\*\*

A proposito das *tournees* de *teams* ibericos de *foot-ball* pela America do Sul, o periodico humoristico espanhol *Guierrez* publica a seguinte *charge*:

«Chegou o onze do *Club Antiga e Imperectivel Amisade*, que regressa da America, depois duma brilhantissima campanha que tão alto colocou o *foot-ball* espanhol.

«Os *footballistas* que compõem a equipe veem satisfeittsimos com o triunfo obtido e por poderem voltar a abraçar as suas familias, coisa de que já duvidavam muito.

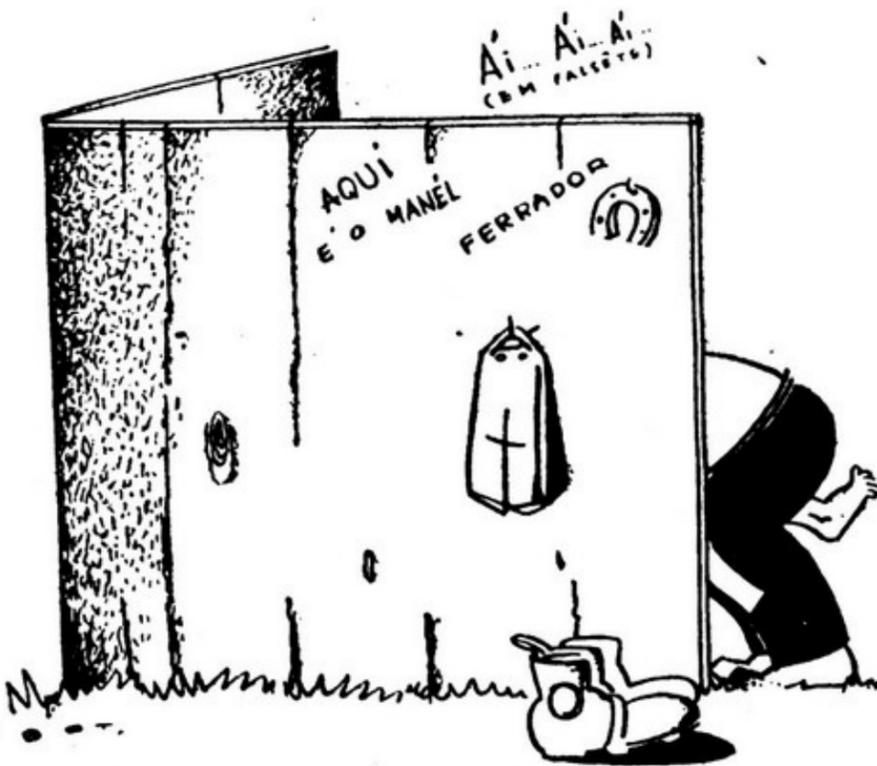
«Como é sabido, o grupo do *Antiga e Imperectivel Amisade* estava formado pelos seguintes jogadores:

«Lopes, do *Desportivo Calagurritano*; Martinez, do *Cabeça de Boi F. C.*; Sanchez e Gonzalez, do *Patada Limpia Club*; Rodriguez, do *Carcel Modelo F. C.*; Garcia, Mendez e Lopes II, do *Valenciana Flór de Turia*; Jardiel, do *Torrolodones* — e outros dois cujos nomes sentimos não recordar e que são do *Antiga e Imperectivel Amisade*.

«A excursão começou pela Republica Argentina, onde celebraram três encontros, que perderam, respectivamente, por 8-0, 10-0 e 83-0. Porém, estes resultados são altamente satisfatorios se se levar em conta que iam cansados da viagem e que, além disso, lhes apertavam as botas, que na Argentina são mais estreitas do que aqui.

Não podemos deixar de felicitar a notavel equipe do *Antiga e Imperectivel Amisade* que, mais uma vez, demonstrou o valor do *foot-ball* espanhol.»

## PREPARAÇÃO



Já foram «preparados» todos os bons jogadores. Espera-se por isso que os proximos desafios façam uma epoca elegantissima.



— Gosto muito de comprar em sua casa, porque a menina, tem sempre qualquer coisa bonita para nos mostrar...



— Traga-me carne guizada com batatas.  
— Um quarto?  
— Não, preferia parte de casa...

# ECOS DA SEMANA

JÁ SE FABRICAM REDES DE PESCA EM PORTUGAL - CONSTA QUE A POLICIA AS VAI APLICAR TAMBEM NA PESCA TERRESTRE DOS TUBARÕES E VIGARISTAS DA NAÇÃO.



LEVAM METADE DO PÓLEGO (LAGARTO... LAGARTO...)

BRAVO! JÁ CHEGARAM A METADE DA VIAGEM - AO QUE PARECE, OS AVIÕES TAMBEM JÁ

O GOVERNO TAMBEM DEITARA A REDE EM CASO DE REVOLUÇÃO

FIGUEIRA DA FOZ COMER UNS FIGUEINHOS

COMBRAS - QUER O MENINO

OUTONO

COMEÇOU O CAIR DA FOLHA EM TODO O PAÍS, EXCEPTO NA PRAGA DOS RESTAURADORES

## A GRANDE PERIGRINAÇÃO

### D. DUARTE NUNO

### O COMBOIO-LAMAROSA TOMAR

NA PRACA DOS RESTAURADORES ENTRAH NO ELECTRICO - SAEM DO ELECTRICO EM BELEM - ENTRAH NOS JERONIMOS - SAEM DOS JERONIMOS - ENTRAH NO ELECTRICO - SAEM DO ELECTRICO - ENTRAH NO COMBOIO - SAEM SAINDO DO COMBOIO E ENTRAH NO COMBOIO VAO ....

D. NUNO SEGUNDOS ANTES DE ATINGIR A MAIORIDADE

SEGUNDOS DEPOIS AS BARBAS SÃO POSTIÇAS - OFERTA DO CONHECIDO CABLEIREIRO VICTOR MANUEL QUE É MIGUELISTA.

QUANDO A MAQUINA CHEGOU A TOMAR JÁ TRAZIA CABELOS BRANCOS (RECORD DE VELOCIDADE EM CONSTRUÇÃO - 12 KM. EM 5 ANOS)